


Dossiê Temático

Pensar, agir e intervir: ações de extensão para o combate à desinformação na educação básica

Think, act, and intervene: extension actions to combat misinformation in basic education

Juliana Ferreira Marques¹ , Edvaldo Carvalho Alves¹ , Ana Paula Alencar^{II} 

¹ Universidade Federal da Paraíba , João Pessoa, PB, Brasil

^{II} Universidade Federal Fluminense , Niterói, RJ, Brasil

RESUMO

Confrontadas por uma conjuntura de desinformação, instituições educacionais têm ressignificado a atuação não apenas direcionadas à formação com base no conteúdo curricular formal, mas, para suscitar em estudantes e professores um pensamento crítico e uma consciência a respeito do papel destes no enfrentamento a essa realidade. Neste sentido, diante da experiência do projeto de extensão “Comunica UEPB: o despertar da consciência crítica e o combate à desinformação como ações de comunicação extra-muros”, que realizou oficinas de combate à desinformação junto a estudantes e docentes da Escola Estadual Cidadã Integral Técnica (ECIT) Prefeito Oswaldo Pessoa, localizada em João Pessoa, Paraíba, desenvolvemos essa pesquisa descritiva, qualitativa e documental, com o objetivo de demonstrar as possibilidades de articulação entre a competência crítica em informação e a educomunicação para o desenvolvimento de atividades extensionistas de combate à desinformação junto a estudantes e professores de ensino médio da Paraíba. Embora, permeada por uma série de desafios, essa experiência extensionista possibilitou a aproximação entre os saberes acadêmicos e a realidade escolar e evidenciou a importância da participação ativa de discentes e da oferta de aperfeiçoamento aos docentes com foco da competência crítica em informação e educomunicação, para o combate à desinformação.

Palavras-chave: Desinformação; Competência crítica em informação; Educação para a comunicação; Formação de professores; Educomunicação

ABSTRACT

Confronted by a situation of disinformation, educational institutions have re-signified their actions, not only aimed at training based on formal curricular content, but also to raise in students and teachers critical thinking and awareness about their role in confronting this reality. In this sense, given the experience of the extension project “Comunica UEPB: o despertar da consciência crítica e o combate à desinformação

como ações de comunicação extra-muros” (The awakening of critical consciousness and the fight against misinformation as extra-mural communication actions), which held workshops to fight misinformation with students and teachers of the Escola Estadual Cidadã Integral Técnica (ECIT) Prefeito Oswaldo Pessoa, located in João Pessoa, Paraíba, we developed this descriptive, qualitative and documental research, with the objective of demonstrating the possibilities of articulation between critical competence in information and educommunication for the development of extension activities to fight misinformation with high school students and teachers in Paraíba. Although permeated by a series of challenges, this extension experience enabled the approximation between academic knowledge and school reality and showed the importance of the active participation of students and the offer of improvement to teachers with a focus on critical competence in information and educommunication to combat disinformation.

Keywords: Disinformation; Critical competence in information; Education for communication; Teacher training; Educommunication

1 INTRODUÇÃO

Evidenciada na contemporaneidade enquanto reflexo de uma crise no sistema capitalista, a desinformação passou a ser um elemento que se configura não apenas como uma ameaça à democracia e confronto de ideais civilizatórios como a ética, a cidadania, a justiça e a equidade, mas, se consolida e provoca transformações em instituições cuja autoridade passou a ser relativizada no limiar do que se convencionou denominar de pós-verdade.

Compõem essa conjuntura as instituições educacionais, que tiveram que ressignificar práticas, amparadas, sobretudo, por pilares como o pensamento crítico sobre a informação, desinformação, *fake news* e as demais nuances características deste tempo. Ou seja, além de possibilitar àqueles que fazem parte deste cenário a interação com conteúdos curriculares formativos, há a necessidade de desenvolver um conhecimento que seja libertador e que desperte nos estudantes a consciência quanto ao papel destes no mundo e a respeito do pensamento crítico com relação à informação, e que apresente aos docentes a importância de atuarem como mediadores deste processo.

Apartir desse panorama, foi concebido, em 2022, na Paraíba, o projeto de extensão “Comunica UEPB: o despertar da consciência crítica e o combate à desinformação

como ações de comunicação extra-muros”, que atuou junto à Escola Estadual Cidadã Integral Técnica (ECIT) Prefeito Oswaldo Pessoa, localizada no bairro do Ernani Sátiro, em João Pessoa, com a oferta de oficinas de desinformação para os discentes e, junto aos docentes, com atualizações voltadas ao desenvolvimento de ações que poderiam promover a competência crítica em informação (CCI) nos estudantes.

Tais ações desenvolveram-se amparadas pela base teórica da Ciência da Informação, por meio da Competência Crítica em Informação, e da Educomunicação (Educom), que forneceram as diretrizes para a realização das oficinas que foram aplicadas com estudantes e professores do ensino médio que atuam em componentes curriculares variados.

Ao fim, mesmo com algumas dificuldades encontradas ao longo do percurso, a experiência de realização das atividades, associada aos dados recuperados nos formulários aplicados junto aos dois públicos (discente e docente) atendidos de forma experimental pelo projeto, nos permite aferir as limitações e potencialidades deste tipo de iniciativa e direcionar ações futuras que, amparadas pela perspectiva da CCI e Educom, podem ser executadas para o combate à desinformação em ambientes escolares.

Diante dessa experiência, desenvolvemos essa pesquisa descritiva, qualitativa e documental, com o objetivo de demonstrar as possibilidades de articulação entre a competência crítica em informação e a educomunicação para o desenvolvimento de atividades extensionistas de combate à desinformação junto a estudantes e professores de ensino médio da Paraíba.

Essa pesquisa está estruturada com o capítulo “Competência crítica em informação e educomunicação: as diretrizes teóricas e metodológicas”, no qual são apresentados os principais conceitos que balizam as ações aqui apresentadas e o percurso metodológico utilizado neste estudo; e o capítulo “Oficinas de extensão: o enfrentamento à desinformação junto à comunidade”, no qual são apresentadas as experiências da ação extensionista exposta nesta pesquisa.

2 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO E EDUCOMUNICAÇÃO: AS DIRETRIZES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Letramento informacional, educação para as mídias, competência crítica em informação, leitura crítica da comunicação, são algumas das noções desenvolvidas a partir do aporte da Comunicação, Educação, Educomunicação, Ciência da Informação, e que possuem confluências, principalmente, no que concerne à desinformação. Esses conhecimentos, associados a um marco regulatório e iniciativas de gestão e política, têm sido apontados como caminhos para a superação da crise informacional que é inerente ao período conceituado como pós-verdade.

Com forte influência dos pensamentos marxiano e freireano e dos filósofos da Escola de Frankfurt, a “competência crítica em informação” (CCI) conforme aponta Schneider (2019), considera o contexto histórico e social no qual os sujeitos estão inseridos e possibilita a apropriação das informações para além dos saberes, vivências e instintos, a partir de reflexões críticas sobre o conteúdo mediado, desenvolvendo-se a partir de dez níveis (QUADRO 1) apontados por Schneider (2019), Brisola (2021) e Bastos (2022).

Embora haja críticas quanto ao uso do termo “competência” relacionadas, sobretudo, ao caráter instrumental da noção, ao que Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) acrescentam que surge como argumento neoliberal para destituição da vivência do “usuário” e morte do “público” entregue ao discurso mercadológico. De fato, a utilização do termo “competência”, que permite a divisão dos sujeitos dentre aqueles que seriam “competentes” e “incompetentes”, segue regras de uma lógica de mercado que têm colonizado as diversas esferas do mundo da vida, e ditam as diretrizes de convivência de acordo com a noção da aptidão ou inteligência apenas a partir de um único viés.

Quadro 1 – 10 níveis de dispositivos de combate à desinformação

CCI	Diretrizes para usuários e mediadores da informação
1º. Nível da concentração	Suspensão da cotidianidade, foco de toda a atenção em um determinado problema ou conjunto de problemas, abstração da espontaneidade, do imediatismo, dos juízos provisórios, das generalizações, da mimese, dos preconceitos.
2º. Nível instrumental	Conhecimento dos recursos informacionais existentes e domínio técnico das tecnologias da informação.
3º. Nível do gosto	Problematização da noção de necessidade informacional aliada ao estímulo à curiosidade intelectual e à formação do gosto pelo pensamento questionador e rigoroso.
4º. Nível da relevância	Questionamento sistemático da relevância da informação e da própria noção de relevância, bem como dos mecanismos e critérios sócio técnicos de atribuição de relevâncias aos enunciados, aos dados e aos metadados.
5º. Nível da credibilidade	Questionamento sistemático da credibilidade das fontes de informação e dos produtores de dados e metadados, bem como dos mecanismos e critérios sócio técnicos de atribuição de credibilidade às fontes e aos produtores de dados e metadados.
6º. Nível da ética	Reflexão séria e responsável sobre o bem ou o mal, resultantes dos usos da informação, com ênfase nos problemas articulados da mentira, da opressão e do sofrimento, numa perspectiva intercultural, sem perder de vista as contradições entre o singular, o particular e o universal.
7º. Nível da crítica	Articulação de todos os níveis anteriores em uma perspectiva emancipatória realista, bem como da própria noção de realismo.
8º Nível do político	Relacionado ao engajamento como a relação entre o ser e a consciência social e política mediante interações sociais cotidianas mediadas e midiáticas por aparelhos privados de hegemonia.
9º Nível do gênero, feminismo e sexualidade	Nível relacionado ao empoderamento, fortalecimento e embasamento das lutas e resistências de gênero e sexualidades, bem como à emancipação e transformação social que diluam as naturalizações e culturas que oprimem mulheres e LGBTQI+.
10º Nível das relações étnico-raciais	Relacionado à informação transformadora e empoderadora, precisa estar disponível, organizada e comunicada, que seja assimilada criticamente pelo indivíduo, fortalecendo a resistência e as lutas desses grupos para a atuação cidadã.

Fonte: Adaptado de Schneider (2019), Brisola (2021) e Bastos (2022)

Diante da possibilidade de desenvolver habilidades em múltiplos campos do saber, conforme atesta Gardner (1995) ao discutir o conceito de inteligências múltiplas, compreendemos que o termo “competência” pode estar associado a um processo de reificação não condizente com a perspectiva crítica ora apresentada. Porém, seguimos na mesma direção de Schneider (2019, p. 73) ao destacar que:

embora concordemos com a crítica adotamos ‘competência’ pelo uso consagrado na literatura especializada fazendo a presente ressalva e acrescentando que o acoplamento da noção de crítica ao primeiro termo, compondo a expressão competência crítica em informação (doravante CCI) indica, entre outras coisas, esta compreensão.

Para além das questões terminológicas, a CCI se estabelece com uma função emancipatória que pode ser uma das vertentes de enfrentamento à desinformação, sobretudo a partir de um ativismo acadêmico importante e necessário, se considerarmos a relevância do campo social que os centros educacionais ocupam na sociedade. E associada a essa perspectiva que, embora seja concebida a partir de contribuições interdominiais e consolida-se enquanto constructo da ciência da informação, o campo da educomunicação, também tem atuado na mesma direção, a partir da subárea denominada de educação para os meios.

Inicialmente situada na perspectiva da alfabetização em relação aos meios de comunicação, explorando as possibilidades discursivas e a forma como a tecnologia enforma e informa produtos e mensagens, a educomunicação, conforme destacam Costa e Romanini (2019), atua para proporcionar espaço de fala e diversidade de expressões de ideias em contraposição à grande mídia, mas, também opera mecanismos de combate à desinformação, como o manual para Educação e Treinamento em Jornalismo: Jornalismo, Fake News e Desinformação (Ireton; posetti, 2019) e o Guia da Comunicação Midiática, publicado pelo Programa Educamídia (Ferrari; Ochs; Machado, 2020).

Diante de uma conjuntura em que há um processo de construção social da ignorância, ao que Proctor (2008) denomina de agnotologia, que nem sempre está associado a uma omissão ou lacuna de conhecimento, mas, se constituiu de forma

deliberada, associada à lógica algorítmica, à perda de credibilidade de autoridades epistêmicas e às diversas nuances de desinformação que são regidos pelas regras do capital, as instituições educacionais precisam ressignificar suas práticas a partir de construtos interdominiais.

Com um potencial de enfrentamento à conjuntura desinformacional ancorada nos seus três pilares de atuação: ensino, pesquisa e extensão, as universidades brasileiras têm desenvolvido iniciativas de forma articulada para fortalecer uma corrente de cidadania concebida a partir do entendimento de que um campo informacional em crise afeta todas as esferas: social, cultural, econômica, e embora, provavelmente, a desinformação não seja dissipada, é preciso investir em educação para preparar a população para enfrentá-la.

Direcionado por essa perspectiva, o projeto “Comunica UEPB: o despertar da consciência crítica e o combate à desinformação como ações de comunicação extra-muros”, promoveu, em 2022, oficinas junto a professores e estudantes adolescentes com foco no combate à desinformação.

Essa experiência esteve articulada ao que preconiza a base nacional curricular do ensino médio, no que concerne às competências específicas de linguagens e suas tecnologias para o Ensino Médio (Brasil, 2018), que busca mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas.

Junto aos discentes, buscou-se contribuir com o desenvolvimento de um conhecimento que possibilite uma análise crítica da informação, o reconhecimento de desinformação, a checagem das notícias e, a partir disso, fomentar a compreensão do papel destes jovens na constituição de relações sociais cidadãs e éticas amparadas pelo acesso à informação credível e o estabelecimento de fontes confiáveis.

Do ponto de vista dos docentes, cientes das dificuldades enfrentadas por professores quanto à necessidade de constante atualização das práticas pedagógicas, o que foi evidenciado, de sobremaneira, no período da pandemia de covid-19, foram constituídas atividades de aperfeiçoamento que permitem novos olhares sobre a

relação destes com a informação e com a mídia, e sobre as possibilidades de atuação no combate à desinformação como conteúdo interdominial relacionado às diversas áreas de ensino-aprendizagem.

2.1 Percurso metodológico

Definida quanto aos objetivos como uma pesquisa descritiva e documental (GIL, 2002), articulada à perspectiva qualitativa, caracterizada como “a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais” (RICHARDSON, 2012, p. 90), essa investigação apresenta a experiência de realização de oficinas de combate à desinformação realizadas como uma ação do Projeto “Comunica UEPB”.

Associado ao Programa de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal (STF)¹, que reúne 16 universidades e 21 organizações públicas e privadas que atuam em cooperação técnica com o STF para disseminar ações de combate à desinformação, o Projeto “Comunica UEPB” desenvolveu oficinas, entre abril e junho de 2022, com conteúdos próprios, orientados pelo suporte teórico da educomunicação e da ciência da informação, e material do Educamídia².

Antes mesmo da realização das intervenções, a escolha da unidade escolar a ser atendida foi considerada uma etapa importante dentre os procedimentos que compuseram o Projeto “Comunica UEPB”. Localizada numa região da periferia de João Pessoa, considerada uma escola de referência local, a ECIT Oswaldo Pessoa oferece ensino integral para estudantes que estão vinculados a cursos técnicos em caráter subsequente ao ensino médio. Por conta da localização geográfica e da realização de outros projetos da UEPB no local, foi feito o convênio com esta Escola.

¹ Para mais informações: <https://portal.stf.jus.br/desinformacao/>, Acesso em 24 fev. 2023.

² Programa de Educação Midiática do Instituto Palavra Aberta, que tem por objetivo difundir o tema no Brasil e fornecer suporte e ferramentas para que crianças e jovens desenvolvam as habilidades necessárias para consumir informação de forma segura e responsável.

Além disso, a equipe envolvida no projeto, uma doutoranda em Ciência da Informação (pelo Programa de pós-graduação em Ciência da Informação/ Universidade Federal da Paraíba), uma doutoranda em Mídia e Cotidiano (pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano/Universidade Federal Fluminense), e estudantes de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, possibilitou a concepção de oficinas a partir do olhar interdominial³.

Desenvolvidas sob a perspectiva extensionista, com formato presencial e, diante da disponibilidade de tempo para a realização das atividades, com 2 horas para a execução, as oficinas destinadas aos discentes tiveram que ser ajustadas ao tempo, local e, sobretudo, ao público que seria atendido.

Nesse sentido, para a concepção do formato, buscou-se desenvolver o que Soares (2011) conceitua como ecossistemas comunicativos, ou seja, sistemas complexos, dinâmicos e abertos, conformados como espaços de convivência e de ação comunicativa integrada. As áreas de intervenção das práticas educomunicativas (Soares, 2011), e os níveis da CCI - Schneider (2019), Brisola (2021) e Bastos (2022), foram considerados nesta etapa.

Principalmente com relação à educação para a comunicação e mediação tecnológica nos espaços educativos, situados no contexto dos ecossistemas comunicativos; e os níveis instrumental, da credibilidade, da ética, da crítica e da política, relacionados à CCI, foram preponderantes para que estabelecesse a mediação de conteúdos relacionados à desinformação voltados aos estudantes do ensino médio.

Com a mesma base teórica e comprometida com o desenvolvimento dos saberes necessários para a leitura e compreensão crítica das informações, que se inicie pela formação de professores, foi idealizada a atividade com docentes. A oficina foi estruturada a partir de um conjunto de referenciais que contemplam, além da sistematização da CCI, o Currículo de Alfabetização Midiática e Informacional para Formação de Professores (Wilson, 2013); o Manual para Educação e Treinamento

³ Conceito utilizado por Bufrem e Freitas (2015), e que aqui adotamos, em substituição à perspectiva "interdisciplinar", reconhecendo que o interdomínio não é algo estabelecido ou institucionalizado, mas, um processo relacional representado em um espaço comum entre um ou mais domínios.

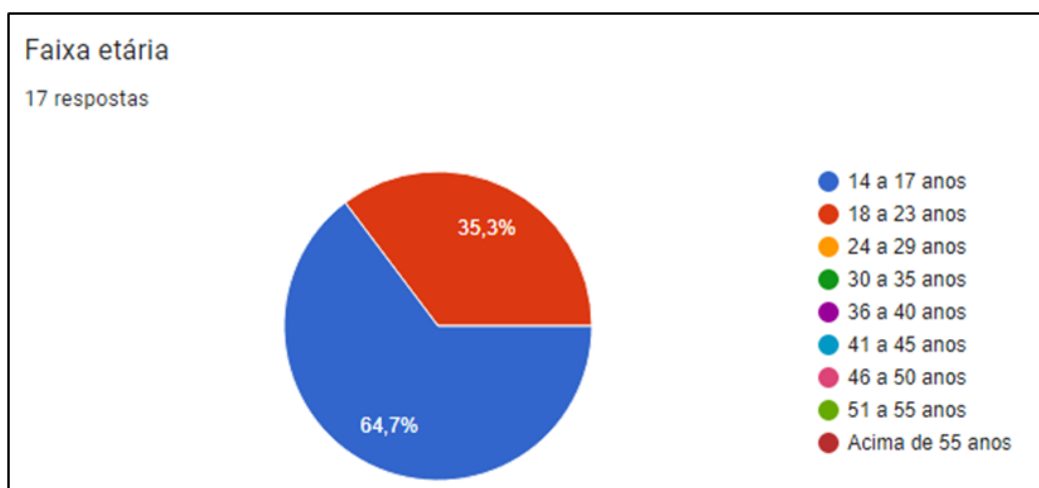
em Jornalismo: Jornalismo, Fake News e Desinformação (Ireton; Posetti, 2019); as *Ten Lessons for the Age of Disinformation*, estruturadas por Froehlich (2020), e os planos de aula descritos no Guia da Comunicação Midiática, publicado pelo Programa Educamídia (Ferrari; Ochs; Machado, 2020)

3 OFICINAS DE EXTENSÃO: O ENFRENTAMENTO À DESINFORMAÇÃO JUNTO À COMUNIDADE

Para a elaboração das oficinas, foram realizadas reuniões junto à direção da Escola e equipe pedagógica com a finalidade de conhecer o perfil dos estudantes e professores atendidos e buscar estabelecer o melhor formato, metodologia e conteúdo a ser utilizado. Além disso, foi aplicado um formulário via Google Forms, que foi respondido por parte dos estudantes e docentes atendidos pelas oficinas.

Conforme dados desse formulário aplicado junto aos estudantes, 64,7% destes tinham entre 14 e 17 anos (Gráfico 1), que é a média da faixa etária dos estudantes dos últimos anos do ensino fundamental e início do ensino médio no Brasil.

Gráfico 1 – Faixa etária dos discentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Diante desse perfil dos discentes, foi elaborada a oficina para contemplar o conteúdo relacionado à desinformação de forma dinâmica e lúdica. Foi realizada

uma atividade prática para que os estudantes pudessem entender a diferença entre desinformação, hiperinformação, *fake news*. Cientes de que “a sociedade continua bastante ‘desinformada’, [...] abunda na praça informação imbecilizante [...] a mídia está muito distante de sua função pública, porque corresponde a um estilo afrontoso de apropriação privada, dirigida por trâmites comerciais estritos” (Demo, 2000, p. 41), as oficinas buscavam despertar nos discentes a compreensão do que é desinformação, conforme expõe Brisola (2021), para que, a partir disso estes pudessem intervir em suas realidades, cientes de que:

desinformação, com todos seus mecanismos, somada às características do nosso tempo (sociedade da informação/desinformação), ao costume enraizado da propaganda política e aos interesses hegemônicos, encontrando no meio digital espaço aberto para interferências mascaradas e, até certo ponto, sem muito rastreamento, geraram uma prole profícua – *fake news*, *firehosing*, boatos, e a caçula até este momento, *deepfake*. Alguns destes fenômenos são antigos e foram apenas potencializados pelas TIC e redes sociais digitais – boatos, *fake news*, teorias da conspiração. Outros dependem das novas tecnologias para existir – *firehosing* e *deepfake*. (Brisola, 2021, p.93).

Essa reflexão, foi promovida por meio dos conteúdos expostos em tela com conceitos de pós-verdade (Araújo, 2020, 2021; D’ancona, 2018; Zarzalejos, 2017); desinformação (Pinheiro, Brito, 2014; Wardle, Derakhshan, 2017; Froehlich, 2020); o processo histórico da sociedade brasileira permeado por desinformação; como verificar se uma notícia é ou não falsa, dentre outros temas (FIGURA 1). Todo esse material foi apresentado para a equipe do Projeto, para que fosse referendado pelos participantes e realizados os ajustes que foram percebidos como necessários à operacionalização das ações.

A elaboração de todo esse conteúdo buscou articular as temáticas com as vivências dos discentes, a cultura, os aspectos sociais, conforme questiona Freire (1996, p.87): “Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?”

Figura 1 – Oficina realizada com estudantes da ECIT Oswaldo Pessoa



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Também compuseram a oficina o vídeo “Desinformação - me explica aí”, produzido pelo Educamídia⁴, com duração de 5 minutos e 37 segundos, e o guia do Educamídia que demonstra como identificar uma *fake news*⁵, com 1 minuto e 55 segundos de duração. Esses vídeos foram exibidos separadamente, intercalados a momentos de apresentação de conteúdo em tela. Também foi apresentada um esquete de humor de um grupo de palhaçaria, formado por jovens parceiros do Projeto, que tratava da desinformação no âmbito da desinfodemia de covid-19 (FIGURA 2).

Figura 2 – Registro do esquete de humor realizada durante a oficina



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1leKD4aKggA&list=PLXSpBL0IEckWwZhwNcT_euQM3X3_Ss6SZ&index=5. Acesso em: 06 mar. 2023.

⁵ Disponível em: <https://educamidia.org.br/recurso/guias-contr-a-desinformacao-na-escola>. Acesso em: 06 mar. 2023.

Após a apresentação dos temas, foi reservado um momento para uma roda de conversa na qual os estudantes puderam expor suas experiências relacionadas à temática. Para estimular a participação dos jovens nessa dinâmica foi escolhido um item que denominamos de “objeto de fala”, nesse caso foi um urso de pelúcia, que os estudantes seguravam para sinalizar quem estava com a fala e como forma de criar um laço de descontração e possibilitar o bom andamento do debate.

Ao observar o exposto no Gráfico 2, a partir de dados recuperados via Forms, verifica-se que parte dos estudantes acessa a informação, preponderantemente, por meio do Instagram, seguido de televisão, Whatsapp, Jornais e revistas impressos, jornais e revistas na Internet, e, alguns apontaram Tik Tok e Google como fontes de informação. Esse registro faz sentido ao ser considerado o fato de que a maioria dos estudantes atendidos pelas oficinas integra um grupo de pessoas conhecidas como a geração Z, em alusão ao termo ‘zapear’ (Veen e vrakking, 2009), que são nativos digitais com uma atenção cada vez mais fluida, e identificação com a linguagem dos memes, *hashtags*, que utilizam para estabelecer relações e dialogar por meio destas plataformas sociodigitais.

Gráfico 2 – Meios de acesso à informação dos discentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Diante disso, durante as oficinas, foi realizada a conscientização sobre as formas de checagem das informações divulgadas nas plataformas sociodigitais citadas por estes estudantes, além do papel dos algoritmos nesse sistema que, inseridos numa perspectiva de comunicação para bolhas, que é a marca das relações socioinformacionais da contemporaneidade, possibilita que os sistemas de inteligência artificial operem, conforme atesta Pariser (2011) na oferta de informações e desinformações a partir do interesse e do perfil de cada sujeito, inserido numa lógica do capital.

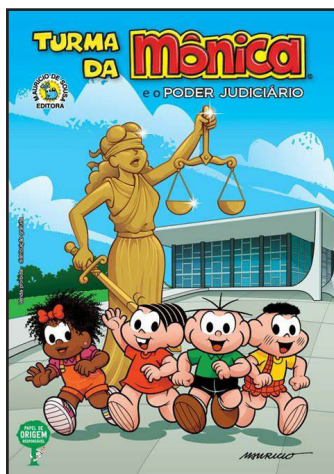
Os sistemas inteligentes das plataformas não visam, preferencialmente, oferecer o conteúdo de melhor qualidade aos seus usuários, mas maximizar seu tempo de permanência na plataforma, promovendo e ampliando ao máximo as interações por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários. Quanto maior o tempo e a intensidade da interação, mais dados são gerados, favorecendo os modelos de negócios baseados em dados. (KAUFMAN, 2019, p. 55)

Dessa forma, considerando o ensinamento de Freire (1996), segundo o qual a aprendizagem deve ser impulsionada por desafios, pela resolução de problemas a partir de conhecimentos prévios que o sujeito já possui, para que assim novos conhecimentos sejam construídos, buscamos pontuar, sobretudo no momento da roda de conversa, o papel relevante de cada sujeito nesta conjuntura desinformacional.

Ao fim da oficina, os estudantes receberam a revista em quadrinhos da Turma da Mônica (FIGURA 3) produzida por meio da parceria com o STF e que trata do enfrentamento à desinformação e da credibilidade do poder judiciário, e o jogo⁶ Informados, produzido pelo periódico Joca e compartilhado pelo Educamídia. Este jogo, que trata de educação para a comunicação, CCI, educação midiática, foi distribuído com a intenção de que estes estudantes pudessem utilizá-lo nos momentos de intervalo para desenvolver, coletivamente, em seus espaços de interação, as competências relacionadas às temáticas contempladas na oficina.

⁶ Disponível em: https://www.jornaljoca.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Eixo_Jornalismo_jogo_informados.pdf. Acesso em 24 fev. 2023.

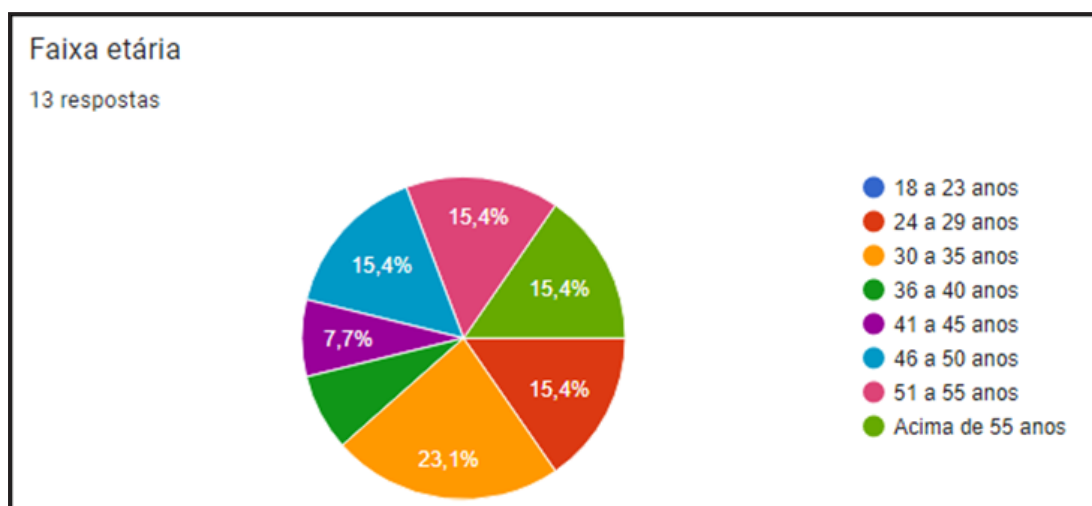
Figura 3 – Revista em Quadrinhos “Turma da Mônica e o poder judiciário”



Fonte: STF (2022)

Com relação à oficina para docentes, foram realizados dois encontros virtuais, totalizando 4 horas de atividades com a participação de 13 professores de diferentes faixas etárias, conforme demonstra o Gráfico 3.

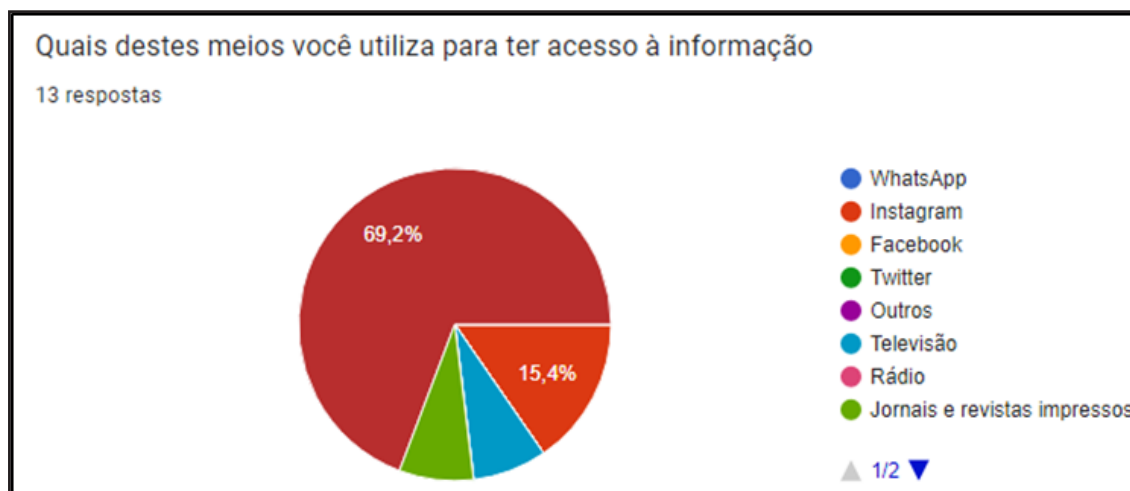
Gráfico 3 – Faixa etária dos docentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Outra informação importante sobre os docentes que participaram da oficina, diz respeito aos meios utilizados para obterem informação: 69,2% optam por jornais e revistas na Internet, seguidos de 15,4% que prefere o Instagram, televisão, jornais e revistas impressos, YouTube e livros (FIGURA 4).

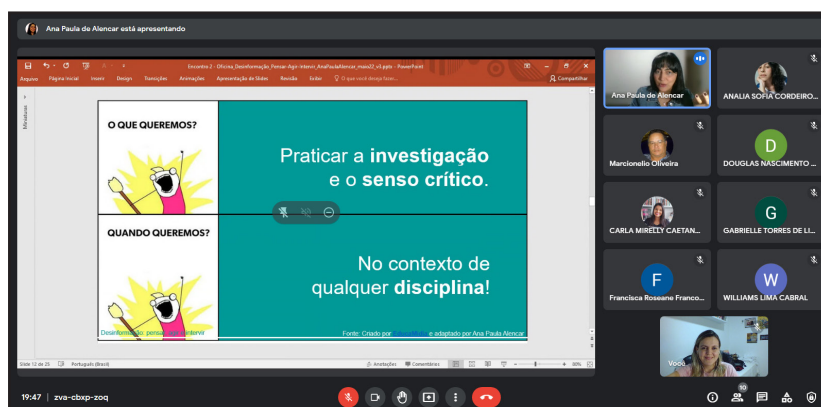
Gráfico 4 – Meios de acesso à informação dos docentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Diante desse dado, com relação à oficina destinada aos docentes, o objetivo foi, em primeiro lugar, estimular uma reflexão dos professores sobre suas atitudes diante das informações acessadas nestes meios, considerando a necessidade de interrogar a informação, em vez de simplesmente consumi-la. E como desdobramento, introduzir essas reflexões em suas práticas docentes. Com esse intuito, a oficina foi iniciada com uma atividade interativa, na qual os participantes foram convidados a refletir sobre o significado de leitura e leitura crítica, com o objetivo de conectar conhecimentos prévios, gerar reflexões e perguntas, apresentar novas informações e produzir um conhecimento complementar.

Figura 4 – Registro de primeiro dia da oficina realizada com docentes via Google Meet



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Na sequência, as competências importantes para uma leitura crítica de notícias foram apresentadas através de uma exposição organizada a partir de alguns níveis da CCI (Schneider, 2019). Primeiro, foram discutidas a necessidade de concentração para uma leitura atenta, que percebesse não apenas as estratégias textuais utilizadas, mas também os contextos econômicos, sociais e políticos nos quais o texto está inserido, considerando as representações de gênero, raça, classe e poder explícitos e implícitos no texto. Em seguida, a estrutura da notícia, as classificações da desinformação e os protocolos de checagem, foram abordados como conhecimentos instrumentais que suportam a interpretação crítica.

A formação do gosto pelo pensamento questionador através do estímulo à curiosidade, foi a reflexão de encerramento do primeiro encontro. Entendendo, a escolha por uma informação em detrimento de outra como um processo socialmente mediado (Schneider, 2019) essa etapa da oficina consistiu de uma exposição dialogada sobre o papel da curiosidade intelectual na capacidade de digerir e processar melhor as informações recebidas.

Nessa direção, no segundo encontro, a partir de análises de textos jornalísticos, foram avaliadas as atitudes questionadoras necessárias, respectivamente, diante da relevância de uma informação e da credibilidade de suas fontes. Tendo como insumo os resultados desse exercício, foram discutidas as preocupações éticas que devem ser observadas na criação, organização, uso e avaliação da informação. A reflexão proposta nesta etapa partiu da formulação de Schneider (2019, p. 109) sobre a importância de uma “reflexão séria e responsável sobre o bem ou o mal, resultantes dos usos da informação, com ênfase nos problemas articulados da mentira, da opressão e do sofrimento, numa perspectiva intercultural”.

Por fim, foi proposta uma articulação de todos os níveis anteriores para pensar, agir e intervir no contexto da desinformação. Com esse propósito, a oficina se encerrou com uma atividade de criação, na qual os professores foram convidados a esboçar um plano aula que associasse algum tópico da disciplina

regular da prática docente com um dos níveis da CCI e apresentasse uma contribuição para o enfrentamento à desinformação.

O resultado dessa atividade final, apresentou uma variedade de abordagens possíveis para discutir contextos, interesses e interpretações a partir de diferentes informações em circulação. Entre os temas mais recorrentes, destacamos a análises de notícias para refletir sobre interpretações que podem surgir de diferentes usos de um mesmo dado e o uso de fábulas e literatura como disparadores para avaliação de interpretações e propósitos. Especificamente para o tema *fake news* foram propostas checagens, seguidas por criação de *tweets*, *reels* e *memes* com as versões corretas dos fatos, levando a reflexões sobre autoria, propósito e credibilidade.

Essas propostas indicam a potência de formações sobre alfabetização crítica midiática que proporcionem espaços de debate entre professores sobre as problemáticas da produção e circulação de desinformação, mas também conduzam à exploração de possibilidades de desenvolvimento de uma geração, como descrita por Kellner (2001), mais autônoma e emancipada das formas contemporâneas de dominação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permeada por uma série de desafios relacionados ao tempo em que foram idealizadas essas oficinas, um período de pandemia e de incertezas quanto ao formato de ensino que seria adotado (presencial, remoto ou híbrido), com limitações de ordem material e dificuldades de comunicação com a direção da escola, que fizeram com que fossem extrapolados os prazos estabelecidos em calendário, essa experiência extensionista, ainda assim, pode ser considerada exitosa visto que possibilitou a aproximação entre os saberes acadêmicos e a realidade escolar.

Ao analisar as possibilidades de melhorias que poderiam ser efetivadas em experiências com esse mesmo viés, a realização de atividades presenciais com docentes, e a ampliação do tempo de oficina dos discentes pode ser uma possibilidade. A criação de perfis nas plataformas sociodigitais como o Instagram para prolongar

o contato com esse público após as oficinas, seja com a divulgação de campanhas, vídeos informativos ou mesmo para que eles possam ter uma fonte confiável para checagem de informações, poderia ser uma possibilidade interessante, que não foi possível implementar.

De qualquer forma, por compreendermos que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p.46), no momento em que, cientes disso, inserimos docentes e discentes num processo de ressignificação de conhecimentos que considerou as vivências de cada um, e utilizou da escuta e da conversa como meios de mediação de conteúdos, podemos aferir que alcançamos os objetivos estabelecidos.

No que concerne à participação dos discentes, observamos que a atenção desse público nas atividades em que estes participavam ativamente (debate, dinâmica), ou em iniciativas nas quais eles visualizavam cenas do cotidiano (vídeo e esquete) foi maior do que nos momentos em que o conteúdo era apresentado de forma teórica pelos mediadores da oficina. Essa análise coaduna com a perspectiva, evidenciada por Moran (2007), de que para educar é preciso fazer uso de processos participativos, interativos, libertadores, respeitando as diferenças.

Com relação aos professores, numa conjuntura nacional de desvalorização da categoria e de enfrentamento a várias adversidades estruturais, de sobrecarga de trabalho, violência escolar, dentre outras anomalias, a oferta de amparo e de novas possibilidades de atuação docente foi acolhida pelos participantes dessa iniciativa com o mesmo afeto que dedicamos nessa prática. Embora o número de docentes com disponibilidade para participar das atividades tenha sido pequeno, provavelmente pelo fato de ter sido de forma remota no horário noturno - após um dia inteiro de trabalho, o envolvimento dos que estiveram presentes e o interesse em aplicar os conhecimentos em sala de aula é um agente motivador.

Pelo exposto, reafirmamos a urgência de uma educação midiática, tanto para discentes como para docentes, que ultrapasse as capacitações técnicas sobre usos de dispositivos e evolua para uma dimensão crítica por meio de espaços de debates, que abordem, além as técnicas de produção e circulação da informação, os contextos econômico e político interligados às questões éticas envolvidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O Fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na ciência da informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, p. 01-17, 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 13-29, jan/abr. 2021.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Engajamento crítico e reflexivo: o nível político da competência crítica em mídia e informação (CCMI). In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco (org.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. – (Coleção PPGCI 50 anos) 274p. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>. Acesso em 23 jan. 2023.

BEZERRA, Arthur C.; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo. S. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 29, n. 3, 30 set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/47337>. Acesso em 28 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: a educação é a base**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bnc-c-ensino-medio/file>. Acesso em 06 mar. 2023.

BRISOLA, Anna. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: Diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1165/1/BRISOLA_ANNA_TESE_A%20CCI%20como%20Resist%C3%Aancia.pdf. Acesso em 23 jan. 2023.

COSTA, M. C. C.; ROMANINI, V. A educomunicação na batalha contra as fake news. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 66-77, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p66-77. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/165125>. Acesso em: 24 fev. 2023.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEMO, Pedro. Ambivalências da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

KAUFMAN, Dora. A inteligência artificial mediando a comunicação: impactos da automação. In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

FERRARI, Ana; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FROELICH, Thomas Joseph. Ten Lessons for the age of disinformation. In: Dalkir, K.; Katz, R. (Ed.). **Navigating Fake News, Alternative Facts and Misinformation in a Post- Truth World**. Ohio: IGI Global, 2020.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 1995.

IRETON, C.; POSETTI, J. **Jornalismo, fake news e desinformação**. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Série Unesco sobre Educação em Jornalismo. Brasília: UNESCO, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Papyrus Editora, 2007.

PARISER, Eli. **The Filter Bubble**: how the new personalized web is changing what we read and how we think. London: The Penguin Press, 2011.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **Data Grama Zero**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, 2014. Não paginado. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000016135>. Acesso em: 20 abr 2020. PROCTOR, Robert N. **Agnotology**: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ignorance (and Its Study). In: PROCTOR, Robert N.; SCHIEBINGER Londa. (eds.). **Agnotology: the making and unmaking of ignorance**. Stanford: Stanford University Press, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) comodispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, Arthur Coelho. et al. **IKRITIKA**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo, Paulinas, 2011.

VEEN, Wim; WRAKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinaryframework-for-research/168076277c>. Acesso em: 03 mai 2021

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: Unesco; Uberaba: UFTM, 2013.

ZARZALEJOS, José Antonio. A era da pós verdade: realidade versus percepção. **Uno**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.17-19, mar. 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 08 jul. 2020.

Contribuição dos autores

1 – Juliana Ferreira Marques

Mestre em Gestão de Organizações Aprendentes pela Universidade Federal de Paraíba

<https://orcid.org/0000-0002-9049-4774> • julifmarques@servidor.uepb.edu.br

Contribuição: Curadoria de dados, Investigação, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

2 – Edvaldo Carvalho Alves

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0001-9484-2097> • edvaldocalves@gmail.com

Contribuição: Supervisão, Metodologia, Redação – revisão e edição.

3 – Ana Paula Alencar

Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0003-4498-1333> • alencar.30@gmail.com

Contribuição: Curadoria de dados, Investigação, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Como citar este artigo

MARQUES, Juliana Ferreira; ALVES, Edvaldo Carvalho; ALENCAR, Ana Paula. Pensar, agir e intervir: ações de extensão para o combate à desinformação na educação básica. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 36, n. 1, e74525, 2023. DOI: 10.5902/2317175874525. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175874525>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.